

JOÃO ARTHUR PUGSLEY GRAHL

**Lógica de Port-Royal: Das orações complexas relativas
(tradução e análise do capítulo VIII, parte I)**

Monografia apresentada como requisito
para a disciplina HL 147, Orientação
Monográfica II, do Curso de Letras, do Setor
de Ciências Humanas e Sociais, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Luiz Arthur Pagani

CURITIBA

2005

Un même sense change
selon les paroles qui l'expriment.
Les sens reçoivent des paroles leur dignité,
au lieu de la leur donner. Il en faut chercher des exemples...

Pensées de Pascal

Conteúdo

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Port-Royal.....	2
1.2	Pierre Nicole e Antoine Arnauld	4
1.3	A Lógica de Port-Royal	4
2	A TRADUÇÃO.....	6
2.1	O Capítulo VIII, Parte I, da <i>Lógica</i>	7
3	ESBOÇO DE ANÁLISE DO CAPÍTULO VIII.....	17
4	AS RELATIVAS APÓS PORT-ROYAL.....	19
4.1	Lingüística Cartesiana.....	19
4.2	As Relativas em Curdo	21
4.3	As Relativas e Algumas Gramáticas Atuais	23
5	CONCLUSÃO.....	26
	Referências	28

1 INTRODUÇÃO

A Lógica ou A arte de pensar: contendo, além das regras comuns, várias observações novas, próprias a formar o julgamento [esse é o título original] teve sua primeira edição em 1662, tendo sido bem acolhida, o que possibilitou quatro novas edições, sempre aumentadas - enquanto os autores ainda estavam vivos -, que chegaram até mesmo à Inglaterra e Alemanha, à época.

Quando publicada, trouxe um ânimo novo para os estudos da lógica, trazendo um elemento novo: o método, devido à influência cartesiana (ver seção 1.3).

Durante os duzentos anos seguintes, esse livro seria a principal referência em lógica, base para todos os manuais que foram feitos a partir de sua publicação.

Primeiramente esse trabalho mostrará, através de dados históricos, a importância da *Lógica de Port-Royal* e de seus autores, que se dá, normalmente, na filosofia:

Embutida nessa estrutura, e em particular em Crítica da Razão Pura, está uma outra organização distinta do conteúdo da lógica derivada da anti-aristotélica tradição cartesiana exemplificada por *La Logique* ou *L'Art de penser*, de Arnauld, a chamada “Lógica de Port-Royal” (1662). Nessa tradição, a lógica está menos interessada nas formas de inferência que tanto fascinaram a tradição aristotélica do que em adestrar o juízo para distinguir entre verdadeiro e falso, fornecendo assim um exercício de “autodisciplina” (...). Com esse objetivo, *L'Art de penser* está organizada de acordo com “concepção”, “juízo”, “raciocínio”, e “ordenamento”. Essa divisão informa a análise crítica de Kant do juízo teórico, prático, estético, e é sobremaneira evidente em CRP, a qual sobrepõe os paradigmas aristotélico e cartesiano numa tentativa de produzir uma “Lógica transcendental”.¹

Contudo, à parte de sua importância evidente na história da filosofia, mesmo atualmente, a *Lógica* serve como esteio de teorias lingüísticas. Evidenciar isso é o objetivo principal desse trabalho. Para isso, foi escolhido e traduzido o capítulo VIII, da primeira parte da *Lógica*, que fornece dados e análises gramaticais para o estudo das orações relativas, que parecem relevantes ainda no século XX para os estudos lingüísticos. As

¹CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 219.

relativas, de acordo com Perini (1995:155), “Tradicionalmente se distinguem em dois tipos: ‘explicativas’ e ‘restritivas’, nomes inspirados em suas propriedades semânticas”. Essa distinção, da qual fala Perini, parece ter sua origem na *Lógica*. Já em Chomsky (1966), essa distinção servirá a outros objetivos, pois ele utiliza tanto a *Gramática de Port-Royal* quanto a *Lógica* com o intuito de justificar sua teoria gerativa. Chomsky utiliza, como um dos exemplos analisados em seu *Linguística Cartesiana*, justamente o caso das orações relativas, que será citado no capítulo 4. Também procurarei cotejar a análise feita pela *Lógica* com exemplos retirados de um trabalho lingüístico atual que parte de análises das relativas em francês (que é o que nos interessa) para analisar suas ocorrências no curdo. Por fim, procurarei verificar como a *Lógica* trata as relativas em comparação com a gramática tradicional do português.

O objetivo desse trabalho será, portanto, mostrar a relevância, mesmo atual, que a *Lógica* cria para a análise das relativas. Para isso pretende-se analisar a maneira com que a *Lógica* expõe as relativas comparando-a com outros trabalhos em que as referências à *Lógica* estejam presentes explícita ou implicitamente.

1.1 Port-Royal

Segundo Michelet, um dos historiadores mais importantes do século XIX, “O que havia na França de mais santo era Port-Royal”². À parte de sua pretensa santidade, a abadia beneditina fundada em 1204, a 25 km de Paris³, produziu muito mais do que santos, rezas e freiras. O Port-Royal que se conhece ainda hoje, do qual fala Michelet, começou a se formar principalmente por causa da freira Angélique Arnauld - irmã de Antoine Arnauld - que em 1608 o reforma, transformando-o num convento importante. Quando o abade de St. Cyran tomou as rédeas do monastério, em 1636, ele trouxe para próximo de si várias figuras notáveis, *messieurs* ou *solitaires*⁴, como eram chamados Arnauld, Lancelot e Nicole, e mais tarde Pascal. Todos influenciados pelo jansenismo - doutrina religiosa baseada na obra *Augustinus*⁵ de Jansenius - trazido por St. Cyran.

²MICHELET, Jules. *Histoire de France*. Tomo dezesseis. BNF, 1 éd., Paris: A. Lacroix, 1877, p. 5.

³Mais tarde o convento se mudaria para Paris, onde estava St. Cyran, mas depois de um tempo os “Solitários”, Lancelot, Nicole, Arnauld, e outros se mudariam novamente para o campo ou Port-Royal des Champs (Port-Royal dos campos), como era chamado.

⁴*Senhores* ou *Solitários*. São nomes recorrentes que se referem a Arnauld e seus colegas. O primeiro título era devido ao respeito irradiado por suas inteligências, e o segundo por sua disposição em abandonar o mundo e ir ao mosteiro.

⁵*Augustinus* influenciou grandemente Port-Royal, principalmente por causa de sua doutrina baseada na “Graça” em contraposição ao livre-arbítrio pregado pelos jesuítas. Esses marcaram forte oposição aos jansenistas, que acabaram derrotados, com o monastério destruído, e com as freiras dispersas. Mas não sem oferecerem forte combate, principalmente de Arnauld, com *Teologia moral dos Jesuítas*; e de Pascal,

Mas o jansenismo não foi o que houve de mais importante, ao menos como legado, em Port-Royal. Em 1637, St. Cyran envia para o Port-Royal dos campos, onde estavam os *messieurs*, algumas crianças, começando então o que viria a ser chamado das “Pequenas Escolas”.

O princípio educacional dessas pequenas escolas proclamava que o conhecimento humano, a ciência, não era um fim, mas um meio. Deveria servir apenas para abrir e desenvolver a mente:

No ensino eles adotaram um método racionalista abertamente cartesiano. Batalhavam para cultivar o intelecto e a faculdade do raciocínio muito mais do que a memória, e apelavam constantemente para a reflexão pessoal. Quebraram com as tradições dos jesuítas e a Universidade, enquanto esses ensinavam em latim, eles ensinavam em francês. (...) O aluno tinha que compor pequenos diálogos, histórias, cartas, o assunto era o que ele escolhia entre as coisas que ele tinha lido. (...) Finalmente, ensinavam principalmente grego, de que eles eram professores sem igual. (...) Mesmo quanto à disciplina eles introduziram reformas: combinaram gentileza com severidade.⁶

Os solitários, como se vê acima, realmente se engajaram nesse desafio pedagógico do ensino, revolucionando-o, principalmente a princípio, por ser o primeiro colégio à época a deixar o latim para ensinar em francês. As turmas não passavam de vinte e cinco alunos divididos em grupos de seis ao redor de um mestre, que podia ser laico ou padre. Nicole, por exemplo, teve como aluno Jean Racine, um dos maiores escritores da literatura francesa⁷.

Nesse ambiente de ensino, sentiu-se a necessidade de se desenvolver um certo tipo de material didático para servir de base para as disciplinas. Dessa necessidade, portanto, foram concebidos livros, métodos para o aprendizado de grego, latim, italiano, espanhol, etc. Pascal escreve o *Novo Método*, para aprender a ler; Lancelot, *O Jardim das raízes gregas*, editou também *A Gramática de Port-Royal*, cuja autoria divide com Arnauld que, por sua vez, junto com Pierre Nicole, redigem a *Lógica de Port-Royal*, objeto desse estudo.

Em 1660, as pequenas escolas foram fechadas pelas autoridades. Em 1709, as últimas 25 freiras foram expulsas e finalmente em 1710 o convento foi totalmente destruído.

com as *Cartas provinciais*, que causou imenso furor em toda a Corte por trazer argumentos e denúncias fortes contra os jesuítas.

⁶CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/12295a.htm>.

⁷Ele era tragediógrafo, serviu na Corte de Luis XIV, e formou, junto com Molière e Corneille, o trio literário mais importante do século XVII na França.

1.2 Pierre Nicole e Antoine Arnauld

A *Lógica* foi publicada anonimamente e, portanto, atribuída a diversos autores. Mas a tradição e alguns comentários como o de Racine, que foi aluno de Nicole, ressaltam a autoria dada aos dois eminentes filósofos e professores do Convento de Port-Royal⁸.

O Grande Arnauld, como era chamado, já muito jovem sagrou-se professor na Sorbonne, a Universidade mais importante da época. Lá, aos 28 anos, foi o único que arriscou ser interlocutor e crítico de Descartes, que publica as críticas feitas por Arnauld em seu *Meditações*. Defensor árduo do jansenismo, Arnauld é expulso da Universidade e mais tarde foge do país. Escreve diversos livros, tratados, cartas. Dialoga com Malebranche, grande filósofo da época, e aos 73 anos ainda tem fôlego para trocar missivas metafísicas com um Leibniz de 39. Por ele provavelmente ter escrito o capítulo traduzido, passo a referir Arnauld como o autor da *Lógica*.

Nicole foi moralista, escreveu *Ensaios de moral*, seu livro mais famoso depois da participação, é claro, na *Lógica*, em que, entre outras partes, contribuiu inteiramente nos dois últimos capítulos da terceira parte sobre sofismo. Dizia que o teatro envenenava a alma, e teve contudo, ironicamente, em Racine seu aluno mais célebre. Mas talvez como professor mesmo é que tenha se destacado mais, pois dizia: “Precisamos de uma razão para falar, mas de nenhuma para continuarmos calados” ; e ainda “quando nós escondemos nossas falhas dos outros, procuramos escondê-las de nós mesmos, e essa é a última tentativa em que temos mais sucesso”⁹.

1.3 A Lógica de Port-Royal

A *Lógica*, como menciona Caygill (2000:219), divide as principais “operações do espírito” em quatro. A primeira seria conceber: formar a idéia das coisas que nos apresentam; depois julgar: afirmar uma idéia de uma outra; raciocinar: ou tirar um segundo julgamento de um primeiro; e ordenar: ou dispor diversas idéias, diversos julgamentos, diversos raciocínios sobre algo determinado. Tendo em vista essas quatro “operações do espírito”, Arnauld divide a *Lógica* em quatro partes. A primeira trata das idéias, a segunda dos julgamentos, a terceira do raciocínio e a quarta do método, dando um total de 70 capítulos em sua quinta edição.

⁸“Os discursos e as adições são de Nicole; as primeiras partes são dele, com o doutor Arnauld; a quarta parte, que trata do método, é somente do célebre doutor”. Comentário de Racine tirado do Dictionnaire des ouvrages anonymes et pseudonymes. Disponível em JOURDAIN, Charles. In: ARNAULD, A. *Op. cit.* Nota de rodapé, p. 362.

⁹NICOLE, Pierre. *Think exists*. Disponível no site: http://en.thinkexist.com/quotes/pierre_nicole/.

As idéias, segundo Arnauld, não vêm dos sentidos, e para justificar isso recorre ao *ergo cartesiano*:

Não há nada que nós concebamos mais diretamente que nosso pensamento, nem proposição que possa nos ser mais clara que essa: Eu penso, logo eu sou; e nós não podemos ter nenhuma certeza dessa proposição se não concebermos distintamente o que é ser e o que é pensar.(...) É necessário afirmar que as idéias do ser e do pensamento não tiram, de nenhuma maneira, sua origem dos sentidos, mas que nossa alma tem a faculdade de formá-los de si mesmo.(Arnauld 1992:57)

Quanto ao julgamento, Arnauld, de acordo com a divisão escolástica, divide as proposições em quatro: afirmativas universais, afirmativas particulares, negativas universais e negativas particulares. “Observações para reconhecer algumas proposições expressas de uma maneira menos usual, qual é o sujeito e qual é o atributo”, por exemplo, é um dos capítulos dessa segunda parte.

Na terceira parte, dedicada ao raciocínio, analisam-se os silogismos. O capítulo IX dessa parte tratará, por exemplo, “Dos silogismos complexos, e como se pode reduzi-los aos silogismos comuns e julgá-los pelas mesmas regras”. Os dois últimos capítulos são escritos por Nicole, como o XIX, “Das diversas maneiras de raciocinar mal, que se chamam sofismas”. Charles Jourdain considera as análises feitas nessa terceira parte como sendo mais precisas e mais acessíveis do que as feitas por Aristóteles e pelos escolásticos.¹⁰

Na quarta parte, “do método”, a influência cartesiana se evidencia. Distingue dois métodos: a análise, que vai do composto ao simples, e a síntese, do simples ao composto. Também dá alguns preceitos para conduzir a razão no caminho da fé: “Algumas regras para conduzir sua razão na crença dos eventos que dependem da fé humana”, por exemplo, é o título de um dos capítulos dessa parte do livro.

Esse portanto é o plano geral da *Lógica*. Jourdain tem ainda algumas ressalvas quanto a alguns assuntos que não poderiam ter ficado de fora; como por exemplo “a teoria da indução e as regras da experiência, essas regras traçadas de uma mão tão firme pelo gênio de Bacon, aplicadas tão efetivamente por Copérnico e Galileu”. Ressalvas importantes mas que não o impedem de considerar que “*A Arte de Pensar* é em seu gênero uma obra-prima”. Ainda sobre a *Lógica* Jourdain continua: “Ninguém pôde trazer, na exposição dos áridos preceitos da lógica, uma maior ordem, elegância e clareza do que Arnauld, um discernimento mais hábil daquilo que é preciso dizer porque é necessário e do que é necessário calar porque é supérfluo.”¹¹

¹⁰JOURDAIN, Charles. *Notice sur les travaux philosophiques d'Antoine Arnauld*. In: *La Logique ou L'art de Penser*, posfácio da quinta edição. Gallimard, 1992. p. 364. Disponível em: <http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=Gallica&O=NUMM-25788>.

¹¹*ibidem*.

2 A TRADUÇÃO

Diferentemente da *Gramática de Port-Royal*, publicada em 1992¹, em português, não existem traduções da *Lógica de Port-Royal* para o nosso idioma. Esse capítulo a seguir, portanto, foi traduzido de maneira a possibilitar ao leitor de português a possibilidade de verificar o tratamento dado por Arnauld aos termos complexos em geral, e às relativas especificamente. Primeiramente esse capítulo tratará portanto das relativas, passando depois para noções de conotação, referência e significado. Essas noções seriam modificadas e definidas como conhecemos hoje em dia a partir do século XIX, tendo em Frege o maior reformador das teorias lógicas do século XIX².

Para essa tradução, foi utilizada a quinta edição da *Lógica de Port-Royal*, porque da primeira para a quinta edição foram excluídos alguns dos exemplos utilizados, portanto considerou-se a quinta edição, de 1683, a que expressa com maior fidelidade os últimos pensamentos dos autores quando à confecção da obra, muito embora eu creia que os elementos descartados não influenciariam tanto no resultado final, pelo menos no que diz respeito ao capítulo traduzido.

Existem traduções recentes em inglês e edições em francês da *Lógica*, mas optou-se pela edição fac-similar eletrônica de 1992 disponibilizada pela Bibliothèque Nationale de France³, que foi escrita integralmente em francês com alguns exemplos dados em latim, seguindo o exemplo de Descartes, que preferiu também o francês ao escrever o *Discurso do Método*.

É necessário ainda notar que nem todas as marcações com itálico foram reproduzidas respeitando-se a edição original. Isso se deve ao cuidado de italicizar todas as expressões que se apresentam de forma mencionada.

¹ARNAULD, A.; LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

²Principalmente devido ao seu trabalho de definição com respeito ao sentido e a referência.

³O documento é disponibilizado pelo site www.gallica.bnf.fr, em que se encontram milhares de livros eletrônicos em versão fac-similar. A versão da *Lógica* utilizada está mais especificamente no site <http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=Gallica&O=NUMM-57444>.

2.1 O Capítulo VIII, Parte I, da *Lógica*

Dos termos complexos, e de sua universalidade ou particularidade.

Nós adicionamos, algumas vezes, a um termo diversos outros termos que compõem no nosso espírito uma idéia total, a qual se pode afirmar ou negar, mas que não poderíamos afirmar ou negar de cada um de seus termos caso estivessem separados: por exemplo, são termos complexos, *um homem prudente, um corpo transparente, Alexandre filho de Felipe.*

Essa adição se faz algumas vezes pelo pronome relativo, como se eu digo: *um corpo que é transparente; Alexandre, que é filho de Felipe; o Papa que é Vicário de Jesus Cristo.*

E pode-se dizer mesmo que, se esse relativo não é sempre expresso, é sempre de alguma maneira subentendido, porque ele pode ser expresso, se o quisermos, sem mudar a proposição.

Pois é a mesma coisa dizer, *um corpo transparente*, ou *um corpo que é transparente*.

O que deve ser notado nesses termos complexos, é que a adição que se faz a um termo ocorre de duas maneiras: uma, que se pode chamar *explicação*, e outra chamada *determinação*.

Essa adição chama-se *explicação*, quando ela desenvolve, ou o que estava encerrado na compreensão da idéia do primeiro termo, ou o que convinha como um de seus acidentes¹, visto o que lhe convém

Des termes complexes, et de leur universalité ou particularité.

On joint quelquefois à un terme divers autres termes qui composent dans notre esprit une idée totale, de laquelle il arrive souvent qu'on peut affirmer ou nier ce qu'on ne pourrait pas affirmer ou nier de chacun de ces termes étant séparés; par exemple, ce sont des termes complexes, *un homme prudent, un corps transparent; Alexandre, fils de Philippe.*

Cette addition se fait quelquefois par le pronom relatif, comme si je dis: *Un corps qui est transparent; Alexandre, qui est fils de Philippe; le Pape qui est Vicaire de Jésus-Christ.*

Et on peut dire même que si ce relatif n'est pas toujours exprimé, il est toujours en quelque sorte sous-entendu parce qu'il peut s'exprimer, si l'on veut, sans changer la proposition.

Car c'est la même chose de dire, un corps transparent, ou un corps qui est transparent.

Ce qu'il y a de plus remarquable dans ces termes complexes, est que l'addition que l'on fait à un terme est de deux sortes: l'une qu'on peut appeler *explication*, et l'autre *détermination*.

Cette addition peut s'appeler seulement *explication* quand elle ne fait que développer ou ce qui était enfermé dans la compréhension de l'idée du premier terme, ou du moins ce qui lui convient comme un

geralmente e em toda a sua extensão; como se eu digo: *o homem, que é um animal dotado de razão; o homem, que deseja naturalmente ser feliz*, ou *o homem, que é mortal*. Essas adições são somente explicações, pois elas não mudam em nada a idéia da palavra homem, e não a restringem para significar somente uma parte dos homens, mas marcam somente o que convém a todos os homens.

Todas as adições que se ligam aos nomes que marcam distintamente um indivíduo são dessa maneira; como quando se diz: *Paris, que é a maior cidade da Europa; Júlio César, que foi o maior capitão do mundo; Aristóteles, o príncipe dos filósofos; Luís XIV, Rei da França*. Pois os termos individuais distintamente expressos se tomam sempre em toda a sua extensão estando determinado tudo o que eles podem ser.

O outro tipo de adição, que se pode chamar *determinação*, é quando o que se liga a uma palavra geral restringe a sua significação, e faz com que não se tome mais para essa palavra geral toda a sua extensão, mas somente uma parte desta extensão, como se eu digo: *os corpos transparentes, os homens sábios, um animal racional*. Essas adições não são simples explicações, mas determinações, porque elas restringem a extensão do primeiro termo, fazendo com que a expressão *corpo* signifique apenas uma parte dos corpos; a expressão *homem* uma parte dos homens; a expressão *animal*, uma parte dos animais.

de ses accidents, pourvu qu'il lui convienne généralement et dans toute son étendue; comme si je dis: *L'homme, qui est un animal doué de raison, ou l'homme qui désire naturellement d'être heureux, ou l'homme, qui est mortel*. Ces additions ne sont que des explications, parce qu'elles ne changent point du tout l'idée du mot d'homme, et ne la restreignent point à ne signifier qu'une partie des hommes; mais marquent seulement ce qui convient à tous les hommes.

Toutes les additions qu'on ajoute aux noms qui marquent distinctement un individu, sont de cette sorte; comme quand on dit: *Paris, qui est la plus grande ville de l'Europe; Jules César qui a été le plus grand capitaine du monde; Aristote, le prince des philosophes; Louis XIV, roi de France*. Car les termes individuels, distinctement exprimés, se prennent toujours dans toute leur étendue, étant déterminés tout ce qu'ils le peuvent être.

L'autre sorte d'addition qu'on peut appeler *détermination*, est quand ce qu'on ajoute à un mot général en restreint la signification, et fait qu'il ne se prend plus pour ce mot général dans toute son étendue, mais seulement pour une partie de cette étendue; comme si je dis: *Les corps transparents, les hommes savants, un animal raisonnable*. Ces additions ne sont point de simples explications, mais des déterminations, parce qu'elles restreignent l'étendue du premier terme, en faisant que le mot de corps ne signifie plus qu'une partie des corps, le mot

E essas adições são algumas vezes tais que tornam uma palavra geral em individual, quando se lhes ligam condições individuais, como quando eu digo: *o Papa que está hoje*, isso determina a palavra geral de Papa a essa pessoa única e singular de Alexandre VII^{2.3}

Pode-se ainda distinguir dois tipos de termos complexos, uns na expressão, e outros no sentido somente.

Os primeiros são aqueles cuja adição é expressa, tais como os exemplos que temos trazido até agora.

Os últimos são aqueles nos quais um dos termos não é expresso, mas somente subentendido, como quando nós dizemos na França *o Rei*, que é um termo complexo no sentido, porque nós não temos no espírito, pronunciando essa palavra *rei*, a única idéia geral que responde a essa palavra; mas nós a ligamos mentalmente à idéia de Luis XIV, que é agora rei da França. Há uma infinidade de termos nos discursos ordinários dos homens que são complexos dessa maneira, como o nome *Senhor* em cada família, etc.

Há também palavras que são complexas na expressão para alguma coisa, e que o são ainda no sentido para outras. Como quando se diz: *o príncipe dos filósofos*, esse é um termo complexo na expressão, porque a expressão *príncipe* é determinada pela de *filósofo*; mas aos olhos do Aristóteles que se aprende nas Escolas por essa palavra, ela é complexa somente no

d'homme, qu'une partie des hommes, le mot d'animal, qu'une partie des animaux.

Et ces additions sont quelquefois telles, qu'elles rendent individuel un mot général, quand on y ajoute des conditions individuelles, comme quand je dis: *Le pape qui est aujourd'hui*, cela détermine le mot général de pape à la personne unique et singulière d'Alexandre VII.

On peut de plus distinguer deux sortes de termes complexes, les uns dans l'expression, et les autres dans le sens seulement.

Les premiers sont ceux dont l'addition est exprimée, tels que sont tous les exemples qu'on a rapportés jusqu'ici.

Les derniers sont ceux dont l'un des termes n'est point exprimé, mais seulement sous-entendu, comme quand nous disons en France *le Roi*, c'est un terme complexe dans le sens, parce que nous n'avons pas dans l'esprit, en prononçant ce mot de roi, la seule idée générale qui répond à ce mot; mais nous y joignons mentalement l'idée de Louis XIV, qui est maintenant roi de France. Il y a une infinité de termes dans les discours ordinaires des hommes qui sont complexes en cette manière, comme le nom de *Monsieur* dans chaque famille.

Il y a même des mots qui sont complexes dans l'expression pour quelque chose, et qui le sont encore dans le sens pour d'autres; comme quand on dit: *Le prince des philosophes*, c'est un terme complexe dans l'expression, puisque le mot de prince

sentido: porque a idéia de Aristóteles está somente no espírito, sem estar expressa por nenhum som que o distingue em particular.

Todos os termos conotativos ou adjectivos, ou são partes de um termo complexo, quando seu substantivo é expresso, ou são complexos no sentido, quando ele é subentendido. Pois como foi dito no capítulo 2⁴, esses termos conotativos marcam diretamente um sujeito ainda que de maneira mais confusa; e indiretamente uma forma ou um modo⁵, ainda que mais distintamente. E assim, esse sujeito é apenas uma idéia muito geral e muito confusa, algumas vezes de um ser, algumas vezes de um corpo, que é normalmente determinada pela idéia distinta da forma que lhe é unida, como *album*⁶ significa uma coisa que tem brancura, o que determina a idéia confusa de coisa a representar somente as que têm essa qualidade.

Mas o que é mais interessante nessas termos complexos, é que há os que são determinados na verdade a um só indivíduo, e que não deixam de conservar uma certa universalidade equívoca que se pode chamar de um equívoco de erro; porque os homens concordam que esse termo significa apenas uma coisa única; por falta de discernir bem que ela é verdadeiramente essa coisa única, uns a aplicam a uma coisa e outras a uma outra: isso faz que com que ela ainda careça de ser determinada, ou pelas diversas circunstâncias ou pela continuação do discurso, a fim de que se saiba

est determinado por celui de philosophe; mais au regard d'Aristote, que l'on marque dans les écoles par ce mot, il n'est complexe que dans le sens, puisque l'idée d'Aristote n'est que dans l'esprit, sans être exprimée par aucun son qui le distingue en particulier.

Tous les termes connotatifs ou adjectifs, ou sont parties d'un terme complexe quand leur substantif est exprimé, ou sont complexe dans le sens quand il est sous-entendu; car, comme il a été dit dans le chapitre II, ces termes connotatifs marquent directement un sujet, quoique plus confusément, et indirectement une forme ou un mode, quoique plus distinctement; et ainsi ce sujet n'est qu'une idée fort générale et fort confuse, quelquefois d'un être, quelquefois d'un corps qui est pour l'ordinaire déterminé par l'idée distincte de la forme qui lui est jointe; comme *album* signifie une chose qui a de la blancheur; ce qui détermine l'idée confuse de chose à ne représenter que celles qui ont cette qualité.

Mais ce qui est de plus remarquable dans ces termes complexes, est qu'il y en a qui sont déterminés dans la vérité à un seul individu, et qui ne laissent pas de conserver une certaine universalité équivoque qu'on peut appeler une équivoque d'erreur, parce que les hommes demeurant d'accord que ce terme ne signifie qu'une chose unique, l'appliquent, les uns à une chose, et les autres à une autre; ce qui fait qu'il a besoin d'être encore déterminé, ou par diverses circonstances, ou par la suite du discours, afin

precisamente o que significa.

Assim a expressão *verdadeira religião* significa somente uma e única religião, que é na verdade a católica, não havendo outra verdadeira. Mas porque cada povo e cada seita crê que sua religião é a verdadeira, essa palavra é um equívoco na boca dos homens, muito embora o seja por ignorância. E caso se leia num historiador, que um príncipe zelou pela verdadeira religião, não se saberia dizer de qual religião foi o historiador: pois se é um protestante, quer dizer a religião protestante, se é um árabe maometano que falava assim de seu príncipe, quer dizer a religião maometana; e se poderia julgar que seria a religião católica caso se soubesse que esse historiador era católico.

Os termos complexos que são assim equívocos por erro são principalmente os que constituem qualidades cujos sentidos não julgam, mas somente o espírito, sobre os quais é fácil que os homens tenham diversos sentimentos.

Se eu digo, por exemplo: *Havia somente alguns homens de seis pés⁷ que foram inscritos no exército de Marius*, esse termo complexo de *homem de seis pés* não era motivo a ser invocado por erro, porque ele combina para medir alguns homens, por julgar que eles têm seis pés. Mas se tivéssemos dito que devíamos inscrever somente os homens valentes, o termo de *homens valentes* teria sido mais provável a ser equívoco por erro, quer dizer, a ser

que l'on sache précisément ce qu'il signifie.

Ainsi le mot *véritable religion* ne signifie qu'une seule et unique religion, qui est dans la vérité la catholique, n'y ayant que celle-là de véritable. Mais parce que chaque peuple et chaque secte croit que sa religion est la véritable, ce mot est très-équivoque dans la bouche des hommes, quoique par erreur. Et si on lit dans un historien qu'un prince a été zélé pour la véritable religion, on ne saurait dire ce qu'il a entendu par là, si on ne sait de quelle religion a été cet historien; car si c'est un Arabe mahométan qui parlât ainsi de son prince, cela voudrait dire la religion mahométane, et on ne pourrait juger que ce serait la religion catholique, si on ne savait que ce cet historien était catholique.

Les termes complexes, qui sont ainsi équivoques par erreur, sont principalement ceux qui enferment des qualités dont les sens ne jugent point, mais seulement l'esprit, sur lesquelles il est facile que les hommes aient divers sentiments.

Si je dis par exemple: Il n'y avait que des hommes de six pieds qui fussent enrôlés dans l'armée de Marius, ce terme complexe d'hommes de six pieds n'est pas sujet à être équivoque par erreur, parce qu'il est bien aisé de mesurer des hommes, pour juger s'ils ont six pieds. mais si l'on eût dit qu'on ne devait enrôler que de vaillants hommes, le terme de vaillants hommes eût été plus sujet à être équivoque par erreur, c'est-à-dire à être attribué à des hommes

atribuído a homens que se tivesse crido valentes e que não o fossem na verdade.

Os termos de comparação são também sujeitos a serem equívocos por erro. *O maior geômetra de Paris, o homem mais sábio, o mais equilibrado, o mais rico.* Pois apesar de esses termos serem determinados por condições individuais, tendo apenas um só homem que seja o maior geômetra de Paris, contudo essa palavra pode ser facilmente atribuída a vários, ainda que constitua só um na verdade: porque é percebido que os homens tenham compartilhado sentimentos sobre essa questão, e que assim vários dêem esse nome a alguém que cada um crê ter essa vantagem à frente dos outros.

A expressão *sentido de um autor*, e ainda *a doutrina de um autor sobre uma matéria*, são ainda dessa monta, sobretudo quando um escritor não é tão claro, quando não se disputa qual foi sua opinião, como nós vemos que os filósofos disputavam todos os dias no tocante às opiniões de Aristóteles, cada um puxando a sardinha para o seu lado. Pois ainda que Aristóteles não tenha que um só e único significado sobre um assunto qualquer, contudo como ele é diferentemente compreendido, essa expressão, *sentimento de Aristóteles*, é equívoco por erro, porque cada um chama sentimento de Aristóteles o que compreende seu verdadeiro sentimento; e assim um compreende uma coisa e outro uma outra, esses termos de *sentimento de Aristóteles* sobre um

qu'on eût crus vaillants, et qui ne l'eussent pas été en effet.

Les termes de comparaison sont aussi fort sujets à être équivoques par erreur. *Le plus grand géomètre de Paris, le plus savant homme, le plus adroit, le plus riche.* Car, quoique ces termes soient déterminés par des conditions individuelles, n'y ayant qu'un seul homme qui soit le plus grand géomètre de Paris, néanmoins ce mot peut être facilement attribué à plusieurs, quoiqu'il ne convienne qu'à un seul dans la vérité, parce qu'il est fort aisé que les hommes soient partagés de sentiments sur ce sujet, et qu'ainsi plusieurs donnent ce nom à celui que chacun croit avoir cet avantage par-dessus les autres.

Les mots de *sens d'un auteur*, de *doctrine d'un auteur sur un tel sujet*, sont encore de ce nombre, surtout quand un auteur n'est pas si clair qu'on ne dispute quelle a été son opinion, comme nous voyons que les philosophes disputent tous les jours touchant les opinions d'Aristote, chacun le tirant de son côté. Car, quoique Aristote n'ait qu'un seul et unique sens sur un tel sujet, néanmoins, comme il est différemment entendu, ces mots de *sentiment d'Aristote* sont équivoques par erreur, parce que chacun appelle sentiment d'Aristote ce qu'il a compris être son véritable sentiment; et ainsi, l'un comprenant une chose et l'autre une autre, ces termes de *sentiment d'Aristote* sur un tel sujet, quelque individuels qu'ils soient en eux-mêmes, pour-

assunto qualquer, individuais que sejam, poderão convir a muitas coisas, a saber: todos os diversos sentimentos que se lhe terá atribuído, e eles significarão na boca de cada pessoa o que cada pessoa terá concebido ser o sentimento desse filósofo.

Mas para melhor compreender no que consiste o equívoco desses termos, que nós temos chamado equívocos por erro, é necessário considerar que essas palavras são conotativas, ou expressamente, ou no significado. Mas, como nós temos já dito, devemos considerar nessas palavras conotativas o sujeito, que é diretamente, mas confusamente expresso, e a forma ou o modo, que é distintamente, apesar de indiretamente expresso. Assim, *branco* significa confusamente um corpo, e a *brancura* distintamente: *sentimento de Aristóteles* significa confusamente alguma opinião, algum pensamento, alguma doutrina, e distintamente a relação desse pensamento a Aristóteles, a quem se atribui.

Mas quando acontece o equívoco nessas palavras, não é propriamente por causa dessa forma ou desse modo, que sendo distinto é invariável. Não é também por causa do sujeito confuso, porque permanece nessa confusão. Pois, por exemplo, a expressão *príncipe dos filósofos*, não pode nunca ser equívoca, tanto que se aplicará essa idéia de príncipe dos filósofos a nenhum indivíduo distintamente conhecido. Mas o equívoco acontece somente porque, o espírito, no lugar desse sujeito confuso, sub-

ronto convenir à plusieurs choses, savoir: à tous les divers sentiments qu'on lui aura attribués, et ils signifieront dans la bouche de chaque personne ce que chaque personne aura conçu être le sentiment de ce philosophe.

Mais, pour mieux comprendre en quoi consiste l'équivoque de ces termes, que nous avons appelés équivoques par erreur, il faut remarquer que ces mots sont connotatifs, ou expressément, ou dans le sens. Or, comme nous avons déjà dit, on doit considérer, dans les mots connotatifs, le sujet, qui est directement, mais confusément exprimé, et la forme ou le mode, qui est distinctement, quoique indirectement exprimé. Ainsi, le blanc signifie confusément un corps, et la blancheur, distinctement; *sentiment d'Aristote* signifie confusément quelque opinion, quelque pensée, quelque doctrine, et distinctement la relation de cette pensée à Aristote, auquel on l'attribue.

Or, quand il arrive de l'équivoque dans ces mots, ce n'est pas proprement à cause de cette forme ou de ce mode, qui, étant distinct, est invariable; ce n'est pas aussi à cause du sujet confus, lorsqu'il demeure dans cette confusion; car, par exemple, le mot de *prince des philosophes* ne peut jamais être équivoque, tant qu'on n'appliquera cette idée de prince des philosophes à aucun individu distinctement connu; mais l'équivoque arrive seulement parce que l'esprit, au lieu de ce sujet

stitui frequentemente um sujeito distinto e determinado ao qual ele atribui a forma e o modo. Mas como os homens são de diferentes opiniões sobre esse sujeito, eles podem dar essa qualidade a diversas pessoas, e marcá-las em seguida por essa palavra que eles crêem convir, como algumas vezes escutamos Platão pelo nome de príncipe dos filósofos, e agora escutamos Aristóteles.

A expressão *verdadeira religião*, não estando ligada com a idéia distinta de nenhuma religião particular, e constituindo sua idéia confusa, não é equívoca: porque ela significa apenas uma que é a verdadeira religião. Mas quando o espírito ligou essa idéia de verdadeira religião a uma idéia distinta de um certo culto particular distintamente conhecido, essa palavra torna-se muito equívoca, e significa na boca de cada povo o culto que toma por verdadeiro.

A mesma coisa acontece com a expressão *sentimento de um tal filósofo sobre uma tal matéria*. Pois permanecendo em sua idéia geral, elas significam simplesmente e em geral a doutrina que esse filósofo ensinou sobre essa matéria, como a que Aristóteles ensinou sobre a natureza de nossa alma: *id quod sensit talis scriptor*⁸; e esse *id*, quer dizer essa doutrina que permanece em sua idéia confusa sem ser aplicada a alguma idéia distinta, essas palavras não são nulamente equívocas, mas em vez desse *id* confuso, dessa doutrina confusamente concebida, o espírito substitui uma doutrina distinta, e um sujeito dis-

confus, y substitue souvent un sujet distinct et déterminé, auquel il attribue la forme et le mode. Car, comme les hommes sont de différents avis sur ce sujet, ils peuvent donner cette qualité à diverses personnes, et les marquer ensuite par ce mot, qu'ils croient leur convenir, comme autrefois on entendait Platon par le nom de prince des philosophes, et maintenant on entend Aristote.

Le mot de véritable religion n'étant pas joint avec l'idée distincte d'aucune religion particulière, et demeurant dans son idée confuse, n'est point équivoque, puisqu'il ne signifie que se qui est en effet la véritable religion. Mais lorsque l'esprit a joint cette idée de véritable religion à une idée distincte d'un certain culte particulier distinctement connu, ce mot devient très-équivoque, et signifie, dans la bouche de chaque peuple, le culte qu'il prend pour véritable.

Il en est de même de ces mots, *sentiment d'un tel philosophe sur une telle matière*; car, demeurant dans leur idée générale, ils signifient simplement et en général la doctrine que ce philosophe a enseignée sur cette matière, comme ce qu'a enseigné Aristote sur la nature de notre âme, *id quod sensit talis scriptor*; et cet *id*, c'est-à-dire cette doctrine, demeurant dans son idée confuse sans être appliquée à une idée distincte, ces mots ne sont nullement équivoques; mais lorsqu'au lieu de cet *id* confus, de cette doctrine confusément conçue, l'esprit substitue une doctrine dis-

tinto, então de acordo com as diferentes idéias distintas que se poderá substituir, esse termo se tornará equívoco. Assim a opinião de Aristóteles, que toca a natureza de nossa alma, é uma palavra equívoca na boca de Pomponace⁹, que pretende que ele a criou mortal, e nas de vários outros intérpretes dessa filosofia, que pretendem ao contrário, que ele a criou imortal, assim como os seus mestres Platão e Sócrates. E daí acontece que esses tipos de palavras podem freqüentemente significar uma coisa que a forma expressa indiretamente não convém. Supondo, por exemplo, que Felipe não tenha sido verdadeiramente pai de Alexandre, como Alexandre mesmo o queria fazer crer, a expressão *filho de Felipe*, que significa em geral quem foi engendrado por Filipe, sendo aplicado por erro a Alexandre, significará uma pessoa que não seria verdadeiramente filho de Felipe.

A expressão *significado da Escritura*, sendo aplicada por um herético a um erro contrário à Escritura significará, na boca desse erro que terá crido ser o sentido da Escritura, e que ele terá no seu pensamento chamado o significado da Escritura. É por isso que os calvinistas não são mais católicos, por protestarem dizendo que eles seguem somente a palavra de Deus. Pois essa expressão: *palavra de Deus* significa em suas bocas todos os erros que eles tomam falsamente por aquilo que acreditam ser a palavra de Deus.

tincte et un sujet distinct, alors, selon les différentes idées distinctes qu'on y pourra substituer, ce terme deviendra équivoque. Ainsi, l'opinion d'Aristote touchant la nature de notre âme est un mot équivoque dans la bouche de Pomponace, qui prétend qu'il l'a crue mortelle, et dans celle de plusieurs autre interprètes de ce philosophe, qui prétendent, au contraire, qu'il l'a crue immortelle, aussi bien que ses maîtres Platon et Socrate. Et de là arrive que ces sortes de mots peuvent souvent signifier une chose à qui la forme exprimée indirectement ne convient pas. Supposant, par exemple, que Philippe n'ait pas été véritablement père d'Alexandre, comme Alexandre lui-même le voulait faire croire, le mot de *filz de Philippe*, qui signifie en général celui qui a été engendré par Philippe, étant appliqué par erreur à Alexandre, signifiera une personne qui ne serait pas véritablement le fils de Philippe.

Le mot de *sens de l'Écriture* étant appliqué par un hérétique à une erreur contraire à l'Écriture, signifiera dans sa bouche cette erreur qu'il aura crue être le sens de l'Écriture. C'est pourquoi les calvinistes n'en sont pas plus catholiques, pour protester qu'ils ne suivent que la *parole de Dieu*, car ces mots de parole de Dieu signifient dans leur bouche les erreurs qu'ils prennent faussement pour la parole de Dieu.

- 1 “Mas quando se junta uma idéia confusa e indeterminada de substância, com uma idéia distinta de algum modo [ver nota 5], essa idéia é capaz de representar todas as coisas em que estará esse modo, como a idéia de prudente, todos os homens prudentes; a idéia de redondo, todos os corpos redondos; e então essa idéia, expressa por um termo conotativo, prudente, redondo, (...) que se chama acidente, porque não é essencial a coisa à qual se atribui.” ARNAULD. *Op. cit.* p. 57.
- 2 Papa italiano. Viveu de 1599 a 1667.
- 3 Exatamente nessa posição, da primeira para a quinta edição da *Lógica*, foi suprimida pelos autores essa parte: “*O pai de Alexandre o Grande*, determina a expressão geral de *pai* a um homem único, porque só pode haver um que tenha sido pai de Alexandre”.
- 4 Cujo título é “Das idéias consideradas segundo seus objetos”.
- 5 “Modo é o que pode existir somente pela substância e que não é necessariamente ligado com a idéia de uma coisa, de sorte que podemos bem conceber a coisa sem conceber o modo, como se pode bem conceber um homem sem concebê-lo prudente”. ARNAULD. *Op. cit.* p. 57.
- 6 Em latim significa “branco”, ou ainda “a parte branca do ovo”.
- 7 Unidade de medida. Um pé corresponde a doze polegadas.
- 8 “Aquilo que sentiu tão grande escritor” (Agradecimento a Rodrigo Tadeu Gonçalves pela tradução).
- 9 Filósofo nascido em Mantua, 1462; morto em Bolonha, 1525.

3 ESBOÇO DE ANÁLISE DO CAPÍTULO VIII

Cabem aqui algumas palavras a respeito do capítulo traduzido. Não é por acaso que as relativas foram colocadas aqui nesse capítulo, introduzindo questões mais propriamente semânticas em seguida, veremos que as relativas são bons exemplos para análises semânticas. A respeito das relativas, conforme a tradução, Arnauld escreve: “Essa adição chama-se *explicação*, quando ela desenvolve, ou o que estava encerrado na compreensão da idéia do primeiro termo, ou o que convinha como um de seus acidentes, visto o que lhe convém geralmente e em toda a sua extensão”, ou seja, a adição não modifica a extensão do termo simples, como conseqüência o termo complexo tem a mesma extensão do termo simples. Portanto, quando essa adição é uma relativa, tem-se um “que explicativo”, o que ocasiona uma relativa explicativa ou descritiva (que são a mesma coisa).

Quanto à outra relativa Arnauld continua: “O outro tipo de adição que se pode chamar *determinação*, é quando o que se liga a uma palavra geral restringe a sua significação, e faz com que não se tome mais para essa palavra geral toda a sua extensão”, a adição aqui diminui a extensão do primeiro termo e portanto a extensão do termo complexo é menor que a extensão do termo simples sem adição. Se a adição também é uma relativa, há um “que determinativo”, ou uma relativa determinativa ou restritiva (são também a mesma coisa).

Essa distinção pode ser feita também empregando a noção de lógica de classe ou de teoria dos conjuntos, como quer Chierchia (2003:340):

As orações relativas revelam, mais uma vez, a utilidade de estudar as línguas com o auxílio da teoria dos conjuntos. (...) Os pronomes relativos correspondem ao processo que denominamos abstração conjuntista (um modo de fazer classes a partir das condições que seus elementos devem satisfazer). (...) Elas [as relativas] denotam classes. Portanto torna-se necessário achar um mecanismo para passar do valor semântico “normal” das sentenças para aquele de que precisamos para poder usá-las na função de modificadores. Esse mecanismo é o operador de abstração. Eis a semântica das orações relativas.

O que Chierchia vai demonstrar, utilizando como exemplo as relativas, é que o

antecedente da relativa designa um certo número de indivíduos que formam uma classe, a classe dos referentes do antecedente. A relativa corresponde a uma certa classe de indivíduos, que representa a intersecção entre a classe determinada pelo predicado da relativa e a classe do antecedente. Se há igualdade entre as duas classes, temos uma explicativa, mas se há a inclusão da primeira na segunda, temos a relativa determinativa.

Note-se que as diferenças sintáticas das relativas para Arnauld são irrelevantes, o significado prevalecendo com relação à sintaxe, “é a mesma coisa dizer: *um corpo transparente*, ou *um corpo que é transparente*”, o que faz com que as orações relativas possam ser consideradas um subgrupo das orações complexas. Essa distinção, contudo, não prende a atenção de Arnauld, pois ele está mais preocupado com questões de significado, ou semânticas, como dizemos hoje.

A partir do oitavo parágrafo, guarda linha da tradução, quando Arnauld utiliza o exemplo de “o papa que está hoje”, percebe-se aí o gérmen do problema de referência que permanecerá sem uma definição consistente até o século XIX, com Gottlob Frege. Recorrendo-se novamente a Chierchia (2003:36), verifica-se que “os equívocos por erro” e todos os exemplos mencionados por Arnauld seriam classificados a partir de Frege de uma outra forma: Tradicionalmente, tende-se a distinguir a referência ou denotação de um signo, e o seu significado ou sentido. Diz-se que uma expressão denota ou se refere à sua referência, mas “exprime” o seu sentido. Por referência (ou denotação), entende-se geralmente aquilo a que um signo se refere no contexto de emissão. (...) À referência contrapõe-se o significado ou sentido. Por significado ou sentido entende-se aquilo que tem a ver com o conteúdo informativo do signo, a maneira como ele é interpretado (qualquer que seja a sua interpretação).

Mas a maneira com a qual Arnauld expõe no capítulo suas idéias não deixa de ser clara e de seguir um método. Ele parte das relativas, utilizando argumentos fortes para sustentar suas idéias (tanto é assim que, como veremos, elas serão usadas até hoje), e pouco a pouco passa a expor exemplos mais espinhos, como o do Papa, até chegar a exemplos extremamente motivados ideologicamente, como é o caso de “príncipe dos filósofos”, “a verdadeira religião”, e para terminar “a palavra de Deus”, exemplos que, como Arnauld bem lembra, estão, em termos atuais, longe de ter uma referência singular definida.

4 AS RELATIVAS APÓS PORT-ROYAL

Nesse capítulo cotejaremos portanto as influências causadas pela *Lógica de Port-Royal* com alguns trabalhos lingüísticos do século 20. Eles podem ser divididos entre aqueles cuja referência à Lógica é explícita e aqueles cuja referência não é. Os dois primeiros trabalhos terão essa referência explícita. Primeiramente, veremos como Chomsky aborda o assunto. Seu trabalho não é sobre as relativas propriamente, mas ele as utiliza como forma de justificar sua teoria historicamente. Ainda na linha de estudos lingüísticos, é relevante mostrar que nos trabalhos contemporâneos de lingüística descritiva, a Lógica ocupa posição de destaque para a análise das relativas, principalmente quanto aos critérios de identificação das restritivas e explicativas. É o que veremos quanto ao estudo do curdo na segunda parte desse capítulo.

Os outros três trabalhos - gramáticas - não citam explicitamente a *Lógica* mas é importante destacar sua possível influência devido à proximidade que parecem explicitar quanto às relativas em comparação com o capítulo traduzido da *Lógica*.

4.1 Lingüística Cartesiana

Chomsky, nos primórdios de sua teoria, utiliza a *Lógica* e a *Gramática de Port-Royal* com o intuito de conseguir legitimidade para sua então nova teoria, como lembra Borges (1991:1-2):

Alguns momentos da polêmica que se instaurou no final dos anos 60 sobre a “paternidade” da noção de Gramática Gerativa nos dá um bom exemplo de história da ciência feita por razões históricas. Segundo Chomsky (1966)[primeira edição da *Lingüística Cartesiana*], a noção de gramática gerativa remonta ao século XVII - à *Gramática Générale et Raisonnée de Port Royal* - e se vincula ao que Chomsky chama de “pensamento cartesiano”.

Em *Lingüística Cartesiana*, Chomsky se baseia sobretudo, como diz Borges, na *Gramática*, mas também dedica uma boa parte do capítulo “Estrutura Profunda e Estru-

tura de Superfície” utilizando o capítulo VIII da *Lógica* para embasar sua teoria, pois, para ele, “em muitos aspectos, parece-me exato, pois, considerar a teoria da gramática gerativa transformacional, como é exposta nos trabalhos atuais, essencialmente uma versão moderna e mais explícita da teoria de Port-Royal”¹.

Chomsky aproveita a análise das relativas, utilizando-as como exemplo de estruturas superficial e profunda.

A teoria das proposições essenciais e incidentes, como elementos constitutivos da estrutura profunda, é estendida na *Lógica* de Port-Royal por meio de uma análise mais detalhada das orações relativas. Desenvolve-se aí uma distinção entre orações relativas *explicativas* (não restritivas ou apositivas) e *determinativas* (restritivas). A distinção baseia-se em uma análise anterior da “compreensão” e da “extensão” das “idéias universais”, ou em termos modernos, uma análise do significado e da referência. A compreensão de uma idéia é o conjunto de atributos essenciais que a definem, juntamente com tudo aquilo que pode ser deduzido deles; sua extensão é o conjunto de objetos que denota.²

A partir daí Chomsky vai parafrasear as explicações dadas pela *Lógica* quanto à explicação e a determinação. “Mediante essas noções, podemos distinguir ‘explicações’, tais como *Paris, que é a maior cidade da Europa* e *o homem que é mortal*, de ‘determinações’, tais como *corpos transparentes, homens sábios, ou um corpo que é transparente, homens que são piedosos*”³. Mas como são os elementos da estrutura profunda o motivo de seu livro, “no caso de uma oração relativa explicativa, a estrutura profunda subjacente realmente implica o juízo expresso por esta oração, quando seu pronome relativo é substituído por seu antecedente”. Dessa maneira, *Paris, que é a maior cidade da Europa*, implica que *Paris é a maior cidade da Europa*, mostrando que a explicativa tem as propriedades essenciais da conjunção. Já nas determinações, *um corpo que é transparente*, não afirmamos que um corpo é transparente. Para Chomsky,

as frases que contêm orações relativas explicativas e restritivas são baseadas em sistemas de proposições (isto é, objetos abstratos que constituem os significados das frases); mas a maneira da interconexão é diferente no caso de uma oração explicativa, na qual o juízo subjacente é realmente afirmado, e no caso de uma oração determinativa, na qual a proposição formada substituindo o pronome relativo pelo seu antecedente, não é afirmada, mas, antes, constitui uma idéia complexa, juntamente com este nome.

Chomsky (1974:50) conclui a participação das relativas (ele ainda vai analisar os verbos na *Lógica*) dizendo que: “Estas observações são seguramente corretas em essência

¹CHOMSKY, Noam. *Linguística Cartesiana*. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 1974, p. 50.

²*Idem*, p. 48.

³*Ibidem*.

e devem ser incluídas em qualquer teoria sintática que procure tornar precisa a noção de estrutura profunda, formular os princípios que relacionam a estrutura profunda com a organização de superfície.”

4.2 As Relativas em Curdo

Em sua tese sobre *A frase relativa no curdo central*, Sergio Codina vai primeiro se posicionar teoricamente buscando subsídio em diversos autores para embasar sua análise do curdo. Considero, porém, mais importante do que a análise desse idioma propriamente dito, o trabalho que ele fez de trazer em evidência as definições e critérios que estabelecem a forma de identificação e análise das relativas, que, como veremos, não mudaram muito desde a *Lógica*. Na quarta parte do trabalho, sobre os tipos de relativas, Codina escreve:

A gramática tradicional distingue dois tipos de relativas, que ela chama habitualmente relativas descritivas e relativas restritivas, ou ainda relativas explicativas e relativas determinativas. Essa discussão deu lugar a várias discussões e a numerosos estudos, tendo como objetivo esclarecer a pertinência lingüística, assim como os critérios que permitem identificar e definir cada um desses dois tipos de relativas, eventualmente, de outros tipos possíveis. Hoje, quase todos os lingüistas admitem a existência de dois tipos de relativas e concordam claramente em reconhecer a oposição clara, ao menos, nas línguas indo-européias.⁴

A semelhança dessa definição com a definição dada pela *Lógica* não é mero acaso. Depois dessa definição dada, Codina vai estabelecer diversos critérios que permitem distinguir as relativas descritivas das relativas restritivas, nos diversos planos da língua. Critérios parafrásico, morfossemântico, morfológico, prosódico, semântico e lógico.

O critério parafrásico teria sido desenvolvido por lógicos na idade média que acreditavam que uma explicativa poderia ser substituída por uma proposição coordenada. Em português isso se daria com a descritiva sendo parafraseada por uma frase independente eventualmente coordenada por *e* no antecedente. Mas esse critério seria desaconselhável devido a mudanças no significado, pois *os homens, que são mortais* ficaria *os homens e que são mortais*.

No critério morfossemântico, uma relativa que tem um antecedente como um nome próprio ou um pronome pessoal, um pronome demonstrativo de valor dêitico ou anafórico, ou um nome determinado pelos indefinidos (como *nenhum, cada*), é descritivo.

⁴CODINA, Sérgio B. *La phrase relative en kurde central*. Tese de doutorado. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, Institut d'études iraniennes: langues, civilisations et sociétés orientales. Disponível em <http://ggautierk.free.fr/f/sergi/pather.htm>. [tradução minha]

Já uma relativa tendo como antecedente um pronome demonstrativo, que não tem significação dêitica, é restritivo.

O critério morfológico não se aplica ao português, muito embora tenha exemplos em espanhol: *quien* sujeito implica sempre uma relativa descritiva, enquanto que uma restritiva deve começar por *que*: *los soldados, QUIENES estaban cansados...* (descritiva); *los soldados que estaban cansados...* (restritiva).

A relativa descritiva tem uma entonação parentética que é sensível imediatamente antes de seu começo e depois de seu fim. Já a restritiva é ligada pela entonação a seu antecedente. No português, a diferença entonacional é representada ortograficamente pelas vírgulas, as explicativas, ou descritivas, são colocadas entre vírgulas, como um aposto, as restritivas são escritas livres de vírgula. No curdo “existe uma diferença de entonação que permite distinguir as relativas descritivas das relativas restritivas. Primeiramente se pode convir que as descritivas soam sempre precedidas de uma pausa, acompanhadas de um corte na linha melódica do enunciado”⁵.

Codina (§154) também diz que “Há equivalência semântica entre a relativa e uma proposição lógica quando a relativa se aplica ao mesmo conjunto referencial que o antecede. Não há equivalência quando a relativa não abarca todo o conjunto referencial do antecedente”. A oposição entre descritiva e restritiva, portanto, se refere à extensão do escopo do antecedente.

Por fim, o critério lógico é mais relevante para esse trabalho. Codina marca a *Lógica* como o primeiro trabalho que estabeleceu as diferenças das relativas:

Nos parece que historicamente as denominações como as de relativa determinativa e relativa explicativa tenham sido emprestadas pelos gramáticos da linguagem dos lógicos. É na *Lógica* dita de Port-Royal que encontramos a distinção entre os dois tipos de relativas e a oposição entre um “**que** determinativo” e um “**que** explicativo”. Ela também identifica dois tipos de adição no interior de um termo complexo: a determinação e a explicação.⁶

Os critérios utilizados já foram de certa forma discutidos, mas convém ressaltar o aspecto lógico-semântico da análise de Codina, principalmente com relação à extensão e à distinção das relativas.

A mesma distinção foi formulada empregando a noção matemática de conjunto ou a noção de lógica de classe, que é equivalente à apresentação mais tradicional em termos de extensão. O antecedente da relativa designa um certo número de indivíduos que formam o que se chama uma

⁵ *Idem* (§164.)

⁶ *Ibidem*. Quanto as referências à *Lógica* encontradas nessa citação, elas estão todas traduzidas no capítulo 2, páginas 7 e 8 desse trabalho.

classe, a classe dos referentes do antecedente. A relativa corresponde, ela, a uma certa classe de indivíduos, que representa a intersecção entre a classe determinada pelo predicado da relativa e a classe designada pelo antecedente. Se há igualdade entre essas duas classes, temos uma relativa explicativa, mas se há a inclusão da primeira na segunda, temos uma relativa determinativa.

Codina fará uso de todos esses critérios, mas é relevante notar que a *Lógica* continua servindo de base para critérios lingüísticos em trabalhos da década passada. No caso, seu trabalho se propõe sintático, o que não o impede de buscar em outras fontes, semânticas e lógicas, esses critérios de identificação das relativas, que como foi visto, permanecem quase que totalmente ainda intocados.

4.3 As Relativas e Algumas Gramáticas Atuais

Nesse capítulo colocaremos a maneira com a qual as gramáticas tradicionais contemporâneas abordam o assunto das restritivas e das explicativas. Para tanto foi escolhida a gramática de Cegalla (1978) e de Cunha (1985). Elas foram escolhidas pelo fato de terem ampla aceitação, contarem com várias edições, e por fazerem parte de uma tradição gramatical que, nesse assunto das relativas, em comparação com a *Lógica*, pode acarretar conclusões interessantes. Como contrataste para essas duas gramáticas, utilizarei a gramática descritiva de Perini (1994) que, por ser uma gramática voltada para uma análise científica da língua, pode trazer elementos novos para a análise das relativas.

A gramática de Cegalla tem um cunho estritamente pedagógico, com muitos exercícios. A diferença com relação ao que temos estudado parece já se manifestar na nomenclatura, pois ela trata as orações relativas de “orações subordinadas adjetivas”. Mas a diferença acaba aí, pois essas orações subordinadas adjetivas se dividem em explicativas e restritivas. As explicativas “explicam e esclarecem, à maneira de aposto, o termo antecedente, atribuindo-lhe uma qualidade que lhe é inerente ou acrescentando-lhe uma informação”. Ou seja, é uma definição e uma explicação bem mais simples do que a já vista pela *Lógica*. Da mesma maneira as restritivas “restringem ou limitam a significação do termo antecedente, sendo indispensáveis ao sentido da frase”. O exemplo principal utilizado foi “Pedra que rola não cria limo”, comentando ao seu respeito que “a oração adjetiva restringe, limita, reduz a categoria das pedras: não são todas as pedras que não criam limo, mas só as que rolam”. Acrescenta também que, na fala, as primeiras são isoladas por pausas - por vírgulas na escrita -, e nas restritivas não há pausas, por isso não há vírgula. Não há qualquer menção mais cuidadosa quanto à diferença semântica

existente entre esses dois tipos de orações.

Cunha parece ter um pouco mais de cuidado com as definições, começa dizendo que “quanto ao sentido, as subordinadas adjetivas classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.” A nomenclatura é a mesma, mas há algumas peculiaridades:

1. As restritivas, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula.
2. As explicativas acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula.

Talvez se devesse perguntar o que seria esse sentido *essencial* da frase que não é mudado. Talvez se isso fosse desenvolvido teríamos algo mais parecido com a Lógica. De qualquer maneira, ambas as gramáticas dizem basicamente a mesma coisa, embora na segunda se possa notar uma preocupação mais acentuada com o sentido.

Quanto a Perini, de certa maneira, difere de Chomsky. Ao menos quanto às relativas, ele não está interessado na estrutura profunda da qual Chomsky fala, mas ressalta os aspectos sintáticos dessas orações. Como já foi dito, ele também as nomeia de relativas. Ao analisar duas sentenças, a saber: “O urso, que fugiu, era branco”; e “O urso que fugiu era branco”, Perini (1995:156 e 157) lembra das análises tradicionais como as de Cegalla e Cunha, ou seja, a primeira teria uma relativa explicativa, e a segunda uma restritiva, cuja nomenclatura, como já foi visto, é baseada no sentido, no significado. Mas como ele adverte, “embora a análise semântica subjacente a essas designações seja correta, prefiro não utilizar esses termos para não confundir o aspecto sintático com o semântico”. Ou seja, vai privilegiar a análise sintática das orações, as quais chamará de “apositiva” no lugar de explicativa, e “não-apositiva” no lugar de restritiva. A partir daí vai definir alguns critérios de diferenciação dos dois tipos, mas de uma maneira muito menos exaustiva que Codina. Mesmo porque sua gramática não é sobre o curdo e muito menos exclusivamente sobre as relativas.

As construções relativas apositivas têm estrutura sintática semelhante à das não-apositivas, com algumas diferenças, a saber: a) só as apositivas se separam por vírgula do resto da frase; b) só as apositivas podem ocorrer com o relativo *o qual* sem preposição; e c) só as apositivas admitem as construções múltiplas, resultantes da movimentação de um SN que contém relativo modificador para o início da oração.

Portanto as duas primeiras gramáticas privilegiam de certa maneira um viés mais semântico, o que pode ser visto pela nomenclatura, e pela forma como as definições são colocadas. Já terceira, talvez por não ter sido escrita por um gramático, não nega o aspecto semântico mas privilegia o sintático, inclusive mudando a nomenclatura.

Quanto às gramáticas e estudos das relativas, creio que essa espécie de dicotomia de análise, dividindo-as entre restritivas e explicativas, é o máximo a que se pode chegar. Ao menos, como diz Codina, com relação às línguas indo-européias.

5 CONCLUSÃO

O trabalho chega ao fim procurando ter demonstrado duas coisas. A primeira é que mesmo tendo sua influência no mundo ocidental diminuída nos últimos cento e cinquenta anos, a *Lógica* mostra ainda ter fôlego, mas não mais para ser um manual de lógica, como foi por duzentos anos, sendo suplantado então pelas teorias lógicas do século XIX. Sua importância nos duzentos anos depois de sua publicação, contudo, já lhe permitiria um lugar de honra, como já ocupa, na história da lógica e da filosofia. Mas partindo de um novo ponto de vista, é possível talvez demonstrar um outro aspecto da *Lógica*, não menos importante que o primeiro e que de certa maneira só poderia ocorrer na contemporaneidade.

Com novas teorias lógicas surgindo, a *Lógica* pode ter perdido um pouco de seu interesse, mas com o fortalecimento da lingüística como disciplina autônoma, com teorias com poder de fogo suficiente para analisar os objetos lingüísticos de uma maneira diferente, muito do que se lia e se estudava tomou um novo significado. Sob a ótica da lingüística *A Lógica de Port-Royal* deixa de ser um ótimo manual de lógica seiscentista para se tornar bibliografia obrigatória para determinados assuntos. Principalmente quanto se procura verificar as relações lógico-semânticas existentes na linguagem. Com a lingüística, portanto, possibilitou-se um novo olhar para a *Lógica*, tornando possível a Chomsky embasar sua teoria da estrutura profunda, utilizando os exemplos das relativas. E essas relativas serão também analisadas por Codina à maneira de Port-Royal, análise que ele não podia se furtar a fazer devido a sua abrangência procurada por seu trabalho buscando critérios para as relativas. E talvez o mais importante: Codina situa a *Lógica* como o primeiro trabalho a fazer a diferença entre um “que explicativo” e um “que determinativo”.

O que talvez seja muito digno de nota é que, caso Codina esteja correto, essa diferença de ordem semântica, que foi definida pela *Lógica*, chegou até as gramáticas brasileiras analisadas de forma quase intocável. Todas elas, sem exceção se referem de certa maneira às relativas nos termos da *Lógica*, o que possibilitaria desde já formular a hipótese de que a *Lógica* é a gênese dos estudos das relativas como temos até hoje. Para afirmar isso seria necessário uma investigação histórica das gramáticas, mas creio que os

elementos apresentados das orações relativas pelas gramáticas tradicionais e mesmo a de Perini permitem que se vislumbre essa influência, mesmo que tenha chegado de maneira já diluída.

A lingüística portanto deu um certo vigor à *Lógica* no século XX, tornando-a fonte direta, no caso das relativas, mas também quanto aos verbos, pronomes, e principalmente quanto às relações semânticas, enriquecendo novamente uma via multidisciplinar para os estudos da linguagem.

Referências

- ARNAULD, A.; NICOLE, P. *La Logique ou L'Art de Penser*. 5^a. ed. <http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=Gallica&O=NUMM-25788>: Gallimard, 1992. Documento eletrônico.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. <http://www.newadvent.org/cathen/12295a.htm>: [s.n.]. Página internet.
- CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CEGALLA, D. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 15^a. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas; Londrina: Editora da Unicamp; Eduel, 2005.
- CHOMSKY, N. *Lingüística Cartesiana*. 1^a. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Vozes; Editora USP, 1974.
- CODINA, S. B. *La phrase relative en kurde central*. Tese (Doutorado) — Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, Institute d'études iraniennes, <http://ggautierk.free.fr/f/sergi/pather.htm>, 1993.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 22^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- JOURDAIN, C. Notice sur les travaux philosophiques d'antoine arnauld. In: *La Logique ou l'Art de Penser*. 1^a. ed. <http://visualiseur.bnf.fr/Visualiseur?Destination=Gallica&O=NUMM-25788>: Gallimard, 1992. cap. Posfácio. Documento Eletrônico.
- MICHELET, J. *Histoire de France*. 2^a. ed. www.gallica.bnf.fr: A. Lacroix, 1877. Documento eletrônico.
- NETO, J. B. *A Gramática Gerativa Transformacional. Um Ensaio de Filosofia da Lingüística*. Tese (Doutorado) — Unicamp, Campinas, 1991.
- NICOLE, P. Documento eletrônico, *Think exists*. http://en.thinkexist.com/quotes/pierre_nicole/: [s.n.]. Página internet.
- PERINI, M. *Gramática Descritiva do Português*. 2^a. ed. São Paulo: Ática, 1995.